

João Paulo Moreira Carvalho

N.º 27608

Relatório da Prática de Ensino Supervisionada com vista à obtenção do grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, nos termos do Decreto-Lei nº 79/2014 de 14 de maio e do Decreto-Lei nº 74/2006, de 24 de março, republicado pelo Decreto-Lei nº 63/2016, de 13 de setembro.

Trabalho realizado sob a supervisão do Mestre Jorge Pereira e com a orientação do Professor Ruben Carola do Colégio da Trofa

Instituto Universitário da Maia

Agradecimentos

A elaboração do presente Relatório da Prática de Ensino Supervisionada não seria possível sem o apoio de alguns intervenientes. Assim sendo, pretendo agradecer a todos os que sempre me apoiaram e contribuíram para a realização e concretização desta etapa final na minha formação, o Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário.

Deste modo, agradeço:

À minha família, pois tudo isto foi possível graças ao apoio e dedicação que sempre tiveram, em especial à minha irmã por estar sempre presente; sem ela não tinha metade da motivação e vontade para enfrentar certos problemas.

Ao Mestre Jorge Pereira, pela acessibilidade e brevidade na resolução dos problemas necessários, além da pronta resposta e discussão das propostas que o núcleo de estágio lhe ia apresentando.

Ao Professor Ruben Carola pela sua disponibilidade e compreensão, orientando e guiando o desenrolar do meu trabalho, manifestando sempre as suas opiniões enriquecedoras para o meu crescimento, enquanto professor de Educação Física.

Aos Professores do Núcleo de Educação Física, Hugo Ferreira e Simão Coroa do Colégio da Trofa, por toda a atenção, compreensão e conhecimentos transmitidos durante esta etapa, como também, aos restantes professores da escola pela disponibilidade e afetividade demonstrada.

Ao meu colega de estágio pela companhia e pela partilha de ideias e companheirismo.

A todos os docentes que contribuíram para a minha formação ao longo da licenciatura e mestrado, por toda a amizade, dedicação e contributo para o meu crescimento pessoal e educacional.

À namorada, que esteve sempre presente ao longo de todo este percurso e que sempre me apoiou de forma compreensiva e motivadora.

A todos, muito obrigado!

Resumo

O presente relatório relata as atividades que foram desenvolvidas em contexto de estágio, integrado no Mestrado de Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário do Instituto Universitário da Maia, no Colégio da Trofa.

O Colégio da Trofa é uma instituição de ensino privado que pretende formar e educar os jovens, através de um ensino onde os alunos se sintam confortáveis e motivados para a prática do saber, privilegiando a autonomia dos mesmos, para conseguirem uma melhor aprendizagem e crescimento da pessoa humana. O meu estágio no Colégio teve a duração de um ano letivo, onde pretendia potencializar as vivências de um professor, permitindo a integração do estudante estagiário no meio educativo, possibilitando, assim, a transição de aluno para professor, consciencializando e elucidando para a realidade vivida nas escolas.

Neste documento estão relatados todos os processos, trabalhos e atividades realizadas durante todo o percurso. Toda esta situação de aprendizagem permitiu com que, de facto, desenvolvesse características que me tornam melhor professor, desde a relação com os alunos, como com todo o meio educativo, viabilizando a primeira experiência como docente e permitindo o crescimento enquanto profissional.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física, Prática Supervisionada, Ensino-Aprendizagem, Professor

Abstract

This report refers the activities that have been developed in the context of training/internship at the College of Trofa, integrated in the Master of teaching of physical education in the Basic and secondary schools of the University Institute of Maia.

The College of Trofa is a private educational institution, which aims to train and educate young people through an education where the students feel comfortable and motivated to the knowledge's practice, privileging their autonomy, to get a better human learning and growth. My internship in this College, had the duration of a school year, where I intended to enhance the experience of a teacher, allowing the integration of a student trainee in the education environment, thus enabling the transition from student to teacher, understanding and clarifying the reality experienced in the schools.

Here in are reported all the processes, work and activities carried out in this path. All this learning situation allowed me to develop features that make me a better teacher, from the relationship with the students, to the relation with any kind of educational environment. Above all, it contributed to enrich my first experience as a teacher and allowed my growth as a professional.

KEY WORDS: Physical Education, Supervised Practice, Teaching-Learning, Teacher

Índice de Siglas e Acrónimos

AD - Avaliação Diagnóstica

EE - Estudante Estagiário

EF - Educação Física

ISMAI - Instituto Universitário da Maia

MED - Modelo de Educação Desportiva

MEC - Modelo de Estrutura de Conhecimentos

MID – Modelo de Instrução Direta

NEE - Necessidades Educativas Especiais

NE- Núcleo de Estágio

OC - Orientador Cooperante

PE - Projeto Educativo

PC- Plano Curricular

PES - Prática de Ensino Supervisionada

SV- Supervisor

UD - Unidade Didática

UC- Unidade Curricular

Índice Geral

Agradecimentos.....	ii
Resumo.....	iii
Abstract.....	iv
Índice de Siglas e Acrónimos	v
Índice de Gráficos	vii
Índice de Tabelas	viii
1. Introdução	1
2. Enquadramento pessoal e profissional	3
2.1. Uma decisão a partir de um percurso	3
2.2. Expectativas iniciais	4
3. Enquadramento Institucional.....	6
3.1. A importância da PES	6
3.2. A PES no ISMAI.....	6
3.3. A escola cooperante: lugar de prática.....	7
3.4. O núcleo da PES: espaço de socialização pessoal, profissional e institucional	8
4. Prática profissional: do plano da análise ao da intervenção.....	9
4.1. Organização e gestão do ensino e da aprendizagem	9
4.1.1. Conceção de ensino	9
4.1.2. Planeamento	11
4.1.3. Realização.....	12
4.1.4. Avaliação	14
5. Participação na escola e Relação com a comunidade	17
5.1. Atividades realizadas.....	17
5.2. Fazer aprender para lá da sala de aula: impactos da minha experiência e atuação	21
5.3. A Componente ético-profissional.....	22
5.4. Profissional e institucional	23
6. Desenvolvimento profissional	25
6.1. Dificuldades e necessidade de formação contínua: um imperativo da profissão	25
7. Reflexões finais	27
8. Referências Bibliográficas.....	28

Índice de Gráficos

Gráfico 1 - Número de horas semanais de tempo de ecrã.....	21
Gráfico 2 - Resultados obtidos no teste de impulsão vertical.....	21

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Sistema de Avaliação Utilizado	16
Tabela 2 - Sistema de Avaliação Proposto	16

1. Introdução

O presente relatório de estágio foi realizado no âmbito da Unidade Curricular (UC) de Prática de Ensino Supervisionada (PES), do Instituto Universitário da Maia (ISMAI), realizado no Colégio da Trofa. Neste estágio, tive a oportunidade de trabalhar com o meu colega e amigo Francisco Fernandes.

Ao longo do estágio foram várias as horas de lecionação. Além das turmas que me foram atribuídas (6ºB e 10ºA3), também foi necessário substituir professores do Colégio, permitindo a experiência com alunos distintos, originando assim um maior leque de conhecimentos e habilidades. Na turma do 10ºA3, tive a oportunidade de acompanhar e ajudar a professora Joana Ribeiro com os processos da direção de turma, uma área completamente desconhecida e onde adquiri diferentes capacidades, nunca antes exploradas.

Para além das aulas, também existiram muitos momentos de contacto com a comunidade educativa, como a realização da Festa de *Halloween*, onde o colégio se transformou num hotel assombrado, decorado pelo corpo docente, da Festa de Natal, possibilitando aos alunos e encarregados de educação a presença numa vila natal onde podiam visitar o maior presépio escolar do país, da Festa de Final de Ano cujo tema foi o circo premiando os alunos com a aprendizagem e demonstração de diferentes atividades circenses, festas estas que proporcionaram uma maior socialização com os restantes professores, alunos e também encarregados de educação. O Dia da Alimentação e a Feira da Saúde foram duas atividades bastante importantes, uma vez que elucidaram para a importância da atividade física na saúde dos alunos, contado com a presença de figuras ilustres do desporto. A socialização profissional também foi enriquecida através da participação em variadas visitas de estudo, como a visualização de peças de teatro, visitas a centros históricos e atividades radicais.

No final de cada período realizou-se torneios desportivos. Nesses torneios, todo o planeamento e organização foram da responsabilidade dos estagiários, uma vez que o quadro competitivo era idealizado por nós e no dia arbitrávamos as partidas e conduzíamos o decorrer do mesmo.

“ A complexidade do processo de ensino e aprendizagem e o tempo necessário para que o futuro professor atinja a maturidade que do ponto de vista profissional se considere plena, justifica que a sua formação inicial inclua áreas em que os professores aprendam a indagar criticamente e a analisar reflexivamente a sua atividade prática ao longo da carreira.” (Albuquerque, Graça, & Januário, 2005) Deste modo, pretende-se neste trabalho relatar os

acontecimentos, atitudes e desafios, assumindo um posicionamento crítico e reflexivo sobre eles.

Com esta experiência, desenvolvi bastantes competências e aptidões que estão explicadas e especificadas no relatório que aqui se apresenta.

2. Enquadramento pessoal e profissional

2.1. Uma decisão a partir de um percurso

Sou natural de Moreira da Maia, local onde foi passada toda a minha infância. Aos quinze anos de idade fui viver para a cidade de Barcelos, sendo que aos dezassete anos regressei à freguesia.

Frequentei a escola primária de Crestins, desde o pré-escolar até ao quarto ano. Ainda hoje tenho um especial apreço por essa escola, uma vez que passei lá bons momentos enquanto criança. No entanto, foi nessa escola que passei um dos piores momentos da minha vida, pois fraturei o fémur direito numa aula de Andebol.

Após a conclusão do 1º ciclo, mudei-me para a escola EB 2,3 Dr. Viera de Carvalho, em Pedras Rubras, onde concluí o 2º e 3º ciclo de escolaridade. Desde esse tempo que recordo o interesse pelo desporto e pela disciplina de Educação Física (EF). Era uma escola que proporcionava aos alunos diversas possibilidades a nível desportivo. Dessa forma, participei no Desporto Escolar durante dois anos, num dos quais tive a possibilidade de me sagrar campeão Regional, momento que ainda hoje retenho na memória com alguma saudade.

Ao terminar o 3º ciclo, vivenciei uma enorme mudança, pois fui viver para a cidade de Barcelos. Como consequência dessa mudança, entrei na Escola Secundária Alcaides de Faria, onde frequentei o 10º e o 11º ano. Não estive lá anos suficientes para criar grande familiaridade com a escola, uma vez que no 12º ano mudei-me para o Externato Carvalho Araújo, onde vivi uma experiência distinta em relação ao passado, pois passei a frequentar o ensino privado, com o qual simpatizei.

Uma vez terminado o ensino obrigatório, e com a vontade incessante de ser professor de Educação Física, entrei no ISMAI no ano de 2013, onde concluí a Licenciatura em Educação Física e Desporto, no ano de 2016. Durante esses anos de formação, alcancei um enorme conhecimento sobre a Educação Física em geral, sobre cada uma das modalidades e ainda sobre diversas áreas do desporto. Nesses anos fui fortalecendo características fundamentais para a área, tais como a capacidade de resolução de problemas, uma das competências fundamentais num professor.

Concluída a Licenciatura, ainda no ISMAI, ingressei no Mestrado de Ensino da Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundários, no ano de 2017. Desta forma, encontro-me no segundo ano do mestrado a realizar a UC de Prática de Ensino Supervisionada.

Sempre tive sempre uma ligação forte ao desporto. Com dez anos de idade, comecei a praticar Futebol, mas apenas um ano mais tarde entrei em competições federadas, no Futebol Clube de Pedras Rubras, onde estive quatro anos, com a possibilidade de representar a seleção da Maia. Aos quinze anos tive a oportunidade de representar o Gil Vicente Futebol Clube e participar em competições de nível nacional.

Antes de regressar ao Pedras Rubras, passei pelo Santa Maria de Galegos, onde privilegiei a disputa de uma final. Regressado ao clube onde tudo começou, experienciei o Futebol sénior, onde vivi grandes emoções. Antes de terminar a minha experiência como jogador de Futebol, tive uma curta passagem pelo Futebol distrital onde culminei a época com uma subida de divisão.

Neste momento, encontro-me ligado a uma equipa de Futsal que divisa na Liga da Maia, Águias de Monte de Pedras, sediada na minha freguesia. Aceitei, pois, o desafio para me manter ativo e alargar o meu conhecimento a nível desportivo.

O gosto pelo Futebol é algo que se tem mantido presente na minha vida. Senti, pois, necessidade de ingressar numa aventura como treinador, onde pude vivenciar diversas experiências com miúdos de diferentes idades. Neste momento, encontro-me a treinar os sub-8 e os sub-17, do Futebol Clube Pedras Rubras. Enquanto treinador, apenas conheci duas equipas, o Grupo Desportivo Aldeia Nova e o tão familiar Futebol Clube Pedras Rubras.

Para terminar, referencio a minha ligação ao Folclore, pois é algo que me pode ajudar na lecionação de dança, permitindo aos alunos um alargamento dos horizontes e a tomada de conhecimento de tradições passadas, que não devemos deixar esquecidas. Atualmente, represento o Grupo Regional de Moreira da Maia, mas tudo começou quando ainda tinha dois anos de idade, no Rancho Infantil de Moreira da Maia.

2.2. Expectativas iniciais

No âmbito da UC da PES, apresentei-me na Escola na qual fui selecionado para estagiar, Colégio da Trofa, no dia 3 de setembro. Iniciei assim o meu segundo e último ano de Mestrado de Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, pelo ISMAI. Trata-se do ano em que culminam todas as competências e conhecimentos adquiridos nos anos académicos transatos. Dessa forma, sinto ser o ano mais decisivo e determinante do meu ciclo académico, um ano onde constará o receio, a inquietação, a ansiedade numa proporção acrescida. Será uma longa caminhada, onde acontecerá a transposição de uma etapa como aluno, para uma fase docente.

“O qualitativo de bom professor ou o perfil de professor ideal é, porventura, algo impossível de atingir, mas deve ser continuamente perseguido” (Resende, Póvoas, Moreira, & Albuquerque, 2014).

Partindo deste pressuposto, consciencializei-me que o presente ano letivo terá desafios e dificuldades. O contacto com os alunos e com a comunidade escolar será algo novo e diferente, o que terá de elevar as minhas competências e capacidades para outra dimensão. Ao longo desta etapa, irei deparar-me com vários obstáculos, o que irá exigir de mim mais perspicácia e dedicação, bem como a necessidade de me manter consciente face às eventuais dificuldades que terei de ultrapassar, para concluir o ano com distinção.

A diferença existente entre o ensinar e o aprender, ao longo deste ano, será algo muito ténue, uma vez que a convivência e a proximidade com os mais variados níveis escolares serão constantes. Desta forma, poderei ensinar diversos conteúdos distintos e, em simultâneo, retirar desse ensino um elevado nível de aprendizagem.

Estou ciente que será um ano onde os problemas serão inúmeros e que teremos de lidar com os mais variados impasses, não os podendo ignorar, tendo em conta o nosso papel enquanto professores. Um papel que é, e sempre será, a obtenção da solução antes do despontar do problema. Desta forma, pretendo aumentar a velocidade de ação perante os problemas e diminuir a dificuldade em os solucionar, permitindo-me realizar o papel de professor da melhor forma.

Um ano que se espera repleto de trabalho, no qual nos iremos deparar com várias questões interpessoais que terão de ser resolvidas de forma ponderada e convincente, com a certeza de que no decorrer desta longa caminhada, existirá a partilha de distintas opiniões com os meus colegas de curso, orientador de estágio, comunidade docente e não docente (assistentes operacionais), relativamente aos mais variados assuntos, o que contribuirá para um avolumar significativo do meu conhecimento. Haverá constantes desafios, aos quais teremos de responder e encarar com a maior positividade e naturalidade.

Desta forma, sinto-me preparado para o desafio que se avizinha, com plena abertura para todo o novo conhecimento, permitindo a entrada e saída do mesmo, uma vez que será um ano repleto de aprendizagem e desenvolvimento pessoal, onde pretendo tirar o melhor proveito para crescer enquanto professor e pessoa.

3. Enquadramento Institucional

3.1. A importância da PES

A PES permite ao Estudante Estagiário (EE) vivenciar o dia a dia na escola, sendo apenas nestas circunstâncias que é possível evoluir e perceber o que realmente é ser professor. “É função do professor preparar e orientar um processo em que é necessário uma permanente adaptação, sem que se perca um sentido evolutivo, uma análise crítica dos processos de modo a dar respostas adequadas e ajustadas em tempo útil” (Resende, Albuquerque, & Gomes, 2015).

A PES possibilita o desenvolver de características e conhecimentos que nos melhoram enquanto profissionais do ensino. A relação entre o ensino e aprendizagem paralelizam-se neste processo, pois o EE cria situações de aprendizagem para o aluno que também viabilizam a sua própria formação enquanto professor.

Ao longo de quatro anos fui adquirindo conhecimentos que, apesar de trabalhados em contexto de aula, foram a base para este ano letivo, permitindo-me agora elaborar num contexto prático, tudo o que adquiri na Licenciatura e no Mestrado. Com isto, constatei que quando nos deparamos com a prática do ensino, essas prévias aprendizagens são fundamentais, mas as experiências desenvolvidas na PES enriqueceram-me enquanto professor e permitiram-me uma maturação enquanto profissional.

A oportunidade de ser professor pela primeira vez, e o facto de tomar conhecimento da escola como um todo, desde as atividades escolares, como torneios desportivos, visitas de estudo, e até mesmo as festas do Colégio, foram fundamentais neste percurso.

3.2. A PES no ISMAI

Neste ponto do relatório é importante referir a importância do ISMAI, como a base da minha construção como professor. A formação que antecede esta etapa de aprendizagem, é também ela importante, pois tem influência no meu desempenho como professor.

“É do entendimento geral, e parece ser claro, o papel da formação inicial na preparação dos futuros profissionais. Não é linear que ‘boas formações façam bons profissionais’ ou que ‘os bons profissionais tenham tido todas boas formações’, mas a qualidade dos profissionais também resulta da formação que tiveram” (Mesquita & Bento, 2014). Apesar de a formação não ser o único fator na construção de um bom professor, a que obtive no ISMAI certamente me aproxima dessa meta.

A PES no ISMAI encontra-se muito bem estruturada, permitindo aos EE uma relação com o meio, sempre acompanhados pelo Orientador Cooperante (OC) e com o apoio do Supervisor (SV), que nos orientam em todo o desenrolar deste percurso, originando o crescimento e maturação enquanto professores. De salientar que o ISMAI se encontrou sempre disponível para qualquer solicitação por parte do Núcleo de Estágio (NE) do Colégio da Trofa, nomeadamente, em relação ao material para o seminário, material para as atividades, como no caso da Feira da Saúde realizada no Colégio. Essa facilidade e apoio que a instituição sempre nos concedeu, deixa-me com uma tremenda gratidão e apreço pela mesma.

3.3. A escola cooperante: lugar de prática

O Colégio da Trofa está sediado no distrito do Porto, região Norte, mais propriamente no município da Trofa, freguesia do S. Martinho do Bougado. Detém uma localização privilegiada, próxima da estação de comboios da Trofa, possibilitando o acolhimento de alunos que não habitem na Trofa, mas em zonas periféricas.

No que toca aos recursos materiais, a escola oferece variadas valências que permitem inúmeras atividades previstas no Plano Anual de Atividades, nomeadamente, um pavilhão polidesportivo, um campo exterior de Futsal, uma biblioteca e um anfiteatro.

No que diz respeito à atribuição de turmas, fiquei responsável pelo 6ºB e pelo 10ºA3. Particularizando e caracterizando brevemente as turmas, pode dizer-se que as diferenças entre elas são muitas. Apesar da idade, o 6ºB é mais consciente dos seus comportamentos e atitudes, contrariamente à turma 10ºA3, uma turma mais agitada, que necessita de uma abordagem mais rígida. Apesar disso, no que diz respeito à componente prática, ambas as turmas apresentam disponibilidade para a mesma, proporcionando um contexto prático favorável e a possibilidade de abordagens mais avançadas.

Relativamente à oferta educativa, uma vez que é uma escola privada, garante um leque educativo bastante amplo, iniciando no pré-escolar e findando no ensino secundário, com a normal oferta também do ensino básico.

O principal propósito do Colégio da Trofa é permitir aos seus alunos as melhores condições de aprendizagem, visando proporcionar um crescimento harmonioso, paralelamente a uma formação cívica, promovendo a aposta no futuro, com o desenvolvimento de um serviço em constante modernização, numa procura incessante da inovação em pedagogia, aceitando e propondo novos desafios junto da comunidade educativa.

Os alunos, no contexto em que estão inseridos, aprendem de uma forma acolhedora, segura e familiar, estimulando assim a sua autonomia. No decorrer de todo o percurso de escolaridade obrigatória, e independentemente do grau de ensino que frequentam, estão na companhia de professores e técnicos dedicados, competentes e capazes de potenciar em cada aluno as suas capacidades intelectuais e humanas.

3.4. O núcleo da PES: espaço de socialização pessoal, profissional e institucional

No que diz respeito ao núcleo da PES, era constituído por dois EE, eu e o meu colega Francisco Fernandes. Esta possibilidade de poder partilhar todo este percurso com alguém que se encontra na mesma situação de aprendizagem, é bastante importante, pois assim podemos partilhar dúvidas, questões sobre o dia a dia escolar, inseguranças. Além disso, podemos discutir as diferentes perspetivas de ensino, em que os pontos de vista diferentes se podem completar. Desde o início que o nosso núcleo da PES trabalhou de uma forma bastante satisfatória, sempre com a partilha de ideias e a crítica construtiva, pronta para nos ajudarmos mutuamente. Todo este processo de maturação profissional, adveio também desta relação estabelecida entre mim e o Francisco, pois sempre nos apoiámos um ao outro e partilhámos o nosso conhecimento e as ideias, promovendo assim um maior leque de conhecimento para ambas as partes.

Além dos Professores Estagiários, é relevante referir a presença diária do OC, professor Ruben Carola, que foi sempre o nosso ponto de apoio e referência. Este professor sempre se disponibilizou para nos ajudar nesta etapa, como sempre nos incitou à superação enquanto futuros professores de EF, algo que a literatura apoia e evidencia como relevante componente na formação da identidade profissional do EE (Cunha, Batista, MacPhail, & Graça, 2018).

Este NE era encabeçado pelo SV, na pessoa do professor Jorge Pereira, que sempre mostrou disponibilidade e nos apoiou nas nossas iniciativas. Foi a pessoa que nos esclareceu as dúvidas no que dizia respeito ao estágio, além das correções minuciosas nas suas visitas à escola, que promoveram um maior cuidado e uma aprendizagem mais completa.

4. Prática profissional: do plano da análise ao da intervenção

4.1. Organização e gestão do ensino e da aprendizagem

4.1.1. Conceção de ensino

O ensino pode ser mutável, devendo ser pensado em função dos alunos, e não dos professores. “As preocupações relativas aos alunos denunciam-se nas alusões que exprimem a necessidade de entender os alunos equilibradamente quanto às formas de interagir com eles, explicando a matéria de forma clara, motivando-os, sendo-se exigente, mas percebendo que a sua capacidade de entender a formação transmitida está limitada à sua idade, ao seu desenvolvimento somático, às condições de ensino proporcionadas e aos conhecimentos anteriores...” (Albuquerque, Graça, & Januário, 2005). Desta forma, cientificamente apoiada, percebemos que a educação não pode ser igual para todos. Todos têm direito à educação, mas cada um tem o seu ritmo de trabalho. Esta foi uma das principais preocupações deste percurso: conseguir chegar a todos, proporcionando momentos de êxito, mesmo que em diferentes níveis.

Procurei nesta etapa levar até à escola todo o conhecimento adquirido previamente e mostrar aos alunos diferentes formas de ensino. Apesar de nunca recorrer a um único modelo de ensino, tirei sempre partido das aprendizagens transatas e procurei renovar o conceito de ensino, mostrando uma nova visão da EF. Não descurando a noção de ensino que Albuquerque, Graça e Januário defendem, Rosado e Mesquita (2011), além de concordarem com os outros autores relativamente às variáveis do ensino e da aprendizagem, revelam que não há modelos de ensino melhores que os outros, nem são estanques em si, devendo ser implementados em função dos alunos e do meio educativo em que estão inseridos.

Desta forma, as aulas foram sempre pensadas em função das turmas e dos alunos com o objetivo de poder extrair o melhor de cada aluno, de os motivar e de lhes promover o gosto pela atividade física. Os alunos mostraram apreço pela novidade, mostrando uma vontade crescente para a prática desportiva, com o avançar da disciplina.

4.1.1.1. Modelos de Ensino

Os Modelos de Ensino são variados, sendo que o modelo instrucional ideal varia de turma para turma. No meu caso, as aulas foram lecionadas com base no Modelo de Instrução Direta (MID) (Rosenchine, 1979), pois este permite um maior controlo de todo o processo de ensino, uma vez que o centro deste modelo é o professor (Rosado & Mesquita, 2011). Posto isto, era o principal responsável pela aula, planeando os exercícios, procurando extrair o melhor

dos alunos, observando e corrigindo os mesmos na execução das suas tarefas, além da explicação das matérias e das progressões para uma melhor aprendizagem. O professor é, então, o elemento mais importante deste modelo, pois promove a aprendizagem dos estudantes. Pretende-se que o mesmo seja capaz de gerir o tempo e o número de repetições de cada tarefa, de forma a resultar na aprendizagem dos alunos, expressando *feedbacks*, preferencialmente corretivos, de forma a que eles melhorem as suas habilidades e consigam alcançar os objetivos propostos (Rosado & Mesquita, 2011).

Apesar da base de todas as aulas ser o MID, o Modelo de Educação Desportiva (MED) (Siedentop, 1994) esteve muito presente nas minhas aulas. O MED tem como base o aluno e promove diferentes funções e responsabilidades, tais como ser treinador, árbitro, entre outras (Siedentop, Hastie, & Van der Mars, 2011). Além desta característica, é especificidade deste modelo um planeamento que idealize uma época desportiva, na qual se incluem: jogos do campeonato, treinos, afiliação à sua equipa durante a época desportiva, um evento culminante, onde pode existir entrega de prémios (Siedentop, Hastie, & Van der Mars, 2011). Este modelo não foi totalmente aplicado nas minhas turmas, mas muitas das suas particularidades foram aproveitadas, como o caso das funções atribuídas aos alunos. Isto é, muitas vezes os alunos eram incumbidos de ser árbitros, revelando assim um maior conhecimento sobre as modalidades posteriormente à realização dessa ação. Também recorri a este modelo para a execução de pequenas épocas desportivas, ou torneios. Isso aconteceu, por exemplo, numa aula do 6º ano, na qual premiei os alunos, oferecendo mesmo prémios aos melhores marcadores e à equipa vencedora.

A autonomia é uma característica adjacente a diversos modelos de ensino, tendo sido, diversas vezes, a aptidão dos alunos mais trabalhada. Por exemplo, na Ginástica de Solo e Acrobática os alunos eram os principais responsáveis pela própria aprendizagem, tendo de realizar as suas próprias coreografias e sequências gímnicas.

Com estas abordagens e utilizações dos diferentes modelos de ensino, pretendi proporcionar aos alunos um maior apreço e gosto pela prática desportiva. Com o avançar do ano letivo, e um maior conhecimento das turmas e dos alunos, foi possível implementar diferentes formas de ensino, mostrando novos modos de ensinar que valorizam a EF e aumentam o conhecimento dos alunos, na generalidade das modalidades.

4.1.2. Planeamento

O Planeamento está intrínseco ao estágio curricular, uma vez que, “planear a educação e a formação, significa planear as componentes do processo de ensino e aprendizagem nos diferentes níveis da sua realização; significa apreender, o mais concretamente possível, as estruturas e linhas básicas e essenciais das tarefas e processos pedagógicos” (Bento, 2003). Desta forma, desde o primeiro dia no Colégio da Trofa que procurei responder à necessidade de realizar as várias unidades didáticas (UD) referentes às diferentes modalidades a lecionar. As UD foram realizadas com base no Programa Nacional de Educação Física, em concordância com o Projeto Educativo (PE) e o Plano Curricular (PC) do Colégio da Trofa.

Em cada período, e para cada modalidade foi realizado antecipadamente um Modelo da Estrutura do Conhecimento (MEC) proposto por (Vickers, 1990). O MEC divide-se em três grandes fases: fase de análise, fase das decisões e fase de aplicação. Cada MEC foi preparado seguindo as orientações do Programa Nacional de Educação Física, em vigor, como acima referido. Naturalmente que cada MEC é ajustado de acordo com as características específicas da turma. Este modelo pretende, através de um conjunto de ações de análise de diferentes variáveis de contexto, estimular tomadas de decisão que conduzam a um ensino eficaz. Tal como defende Bento (2003), os objetivos da unidade didática só podem ser alcançados de forma gradual, o que requer uma planificação inter-relacionada de todo o processo. É aqui que se encontra o foco do trabalho criativo do professor.

A planificação anual das aulas está dependente da distribuição dos espaços. Assim sendo, antes mesmo de procedermos a qualquer outra planificação, o núcleo de professores de Educação Física reuniu-se com o intuito de desenhar o *roulement* do ano letivo 2018/2019, para uma posterior planificação das aulas e distribuição das modalidades.

Em relação à planificação anual da turma, e de acordo com o PE e PC do Colégio da Trofa, as modalidades abordadas são: Basquetebol, Ginástica, Atletismo, Andebol ou Corfebol (1ºPeríodo), Voleibol, Atletismo, Ginástica Acrobática ou Rugby (2ºPeríodo), Futsal, Desportos de Raquete e Dança (3ºPeríodo). Também está previsto aplicar os testes do FITescolas nos três períodos. Além disso, está planeado um torneio em cada período, referente à respetiva modalidade coletiva em foco.

Estas planificações, como referi anteriormente, estão sujeitas a alterações em concordância com o nível que os alunos apresentam em cada uma das modalidades. Estes fatores são determinantes e condicionantes para a abordagem dos conteúdos nas aulas. É realizada inicialmente uma Avaliação Diagnóstica (AD), para verificar o nível de desempenho, bem como as

determinantes técnicas fundamentais a terem de ser trabalhadas. Dentro da turma, existem diferentes níveis de ensino, sendo que alguns dos alunos, em anos letivos anteriores não tiveram contacto com as modalidades em questão, podendo, portanto, apresentar maiores dificuldades. Para uma melhor compreensão dos conteúdos, utilizo, maioritariamente, o ensino por níveis, a fim de facilitar e ajudar a melhorar todos os alunos da turma. Com a utilização desta estratégia e das planificações prévias das minhas aulas, verifico que os alunos obtêm sucesso, apresentando melhorias.

O planeamento diário tem como base a planificação do período em questão e as Unidades Didáticas (UD) das modalidades, ajustadas a cada turma. Uma vez que as UD correspondem a uma disposição mista, idealizada em concordância com o PE do Colégio da Trofa, é fundamental uma renovação diária do conhecimento e uma flexibilidade do mesmo, de forma a permitir que as aulas sejam lecionadas com o maior conhecimento possível relativo à respetiva modalidade. O Colégio da Trofa acredita que a possibilidade de lecionar diferentes modalidades em simultâneo contribui para um maior aproveitamento dos alunos, e a sua motivação está sempre em alta, pois como uns preferem umas modalidades e outros alunos outras, nunca estão muito tempo sem realizar modalidades que gostem.

Desta forma, é possível afirmar que o planeamento é uma parte fundamental da minha aprendizagem, e a regularidade com que é trabalhado aumenta a sua complexidade e fica cada vez mais perto da perfeição. Provavelmente é a ferramenta com maior valor para a evolução de um profissional da educação, pois se uma boa planificação não gera um bom professor, uma má planificação certamente nos deixa ainda mais distantes desse propósito.

4.1.3. Realização

4.1.3.1. Dimensões da intervenção pedagógica

Neste ponto do relatório, que unifica a gestão, clima, instrução e disciplina foi notória uma gradual evolução desde o início da PES, até ao seu desfecho. Estas quatro dimensões estão plenamente associadas à aula e ao seu desenrolar, revelando uma grande importância para que exista uma boa intervenção pedagógica.

Este parâmetro tem como base os planos de aula que, por vezes, podem sofrer algumas alterações, devido a questões atmosféricas, espaços de aula, ou até mesmo pela não comparência dos alunos nas aulas. Estes eventuais constrangimentos são uma barreira que consigo ultrapassar com facilidade. De facto, posso ter uma prévia noção do espaço, acaso chova, tomar

conhecimento do material disponível e o local onde podem ser utilizados. A velocidade de alteração do que poderia estar pensado, facilita e possibilita o normal decorrer da aula com essas pequenas nuances.

Uma parte fundamental da realização das aulas é a instrução e a forma como conseguimos captar a atenção dos nossos alunos, sendo fulcral que estes estejam atentos e que a nossa instrução seja clara e de fácil compreensão. É primordial transmitir aos alunos o objetivo do exercício, as regras de segurança, as variações e os critérios de êxito, tal como defendem Rosado e Mesquita (2011). Neste aspeto, tiro vantagem do facto de ter uma boa colocação de voz e de normalmente haver apenas uma turma por espaço, o que facilita o processo de instrução. A clara compreensão dos alunos é conseguida com a exemplificação, algo sempre presente nas minhas aulas, pois apenas dessa forma os alunos absorvem grande parte da instrução, conseguindo, então, realizar o exercício corretamente.

Durante a realização dos exercícios, existe sempre uma preocupação na procura do erro e do sucesso. Desse modo, pode emitir-se o feedback no momento exato e oportuno, contribuindo para o aumento do conhecimento dos alunos. Tentando privilegiar o *feedback* positivo, a necessidade de correção do aluno surge como um ponto fundamental da aula. Esta perceção do erro está intimamente ligada à qualidade da instrução do professor (Rosado & Mesquita, 2011). O diagnosticar da deficiência na execução dos determinados gestos técnicos vai-se tornando mais facilmente observável e a forma de os corrigir também. Com a PES torna-se possível desenvolver diversas aptidões enquanto professor.

Tal como me foi inculcado, sempre que possível, organizo previamente o pavilhão ou parte dele. Quando decorrem aulas antes da minha, o material é colocado rapidamente e muitas vezes os alunos participam no processo. Eu faço questão de premiar os que chegam primeiro à aula.

As estratégias que fui utilizando ao longo deste percurso têm sido diversas. Por exemplo, “assobiar” sempre que os exercícios têm de parar – os alunos já sabem que têm de ficar em silêncio e escutar, o que possibilita a redução de tempos mortos na aula e, consequentemente, maior tempo de empenho motor. Outra estratégia utilizada é a regra dos alunos chegarem e sentarem-se sempre no mesmo local, permitindo um início mais rápido da aula, sem ser necessário pedir aos alunos que se aproximem, pois já se encontram organizados. Além destas e outras medidas implementadas para facilitar a gestão da aula e reduzir o tempo de instrução, nas minhas aulas existem sempre momentos de descontração, numa fase inicial ou no final da aula. São momentos benéficos para os alunos, desde que estabelecido o limite e que eles tenham

a percepção desses momentos, para que nos restantes estejam empenhados e focados em aprender e realizar os exercícios com êxito.

No meu entender, a relação entre professor e aluno é essencial para um bom clima de aula. Assim sendo, estabeleci uma relação de proximidade com os alunos e de confiança que os prontifica para a atividade física e permite o decorrer das aulas com uma maior fluência, aumentando o seu tempo de empenho motor e a sua motivação e predisposição para a aula. É notório que os alunos se sentem bem e gostam de estar nas minhas aulas, mas nunca ultrapassam a barreira do aceitável. Isto é possível, porque consegui, desde cedo, estabelecer limites aos alunos e fazê-los compreender a necessidade da existência de regras e do seu cumprimento e respeito. Ao mesmo tempo, não há espaço para a brincadeira ou “recreio”. Fiz com que as minhas turmas percebessem que a EF é uma disciplina que também exige trabalho e empenho, com a possibilidade de isso acontecer num contexto mais liberal e muitas vezes autónomo.

4.1.4. Avaliação

No Colégio da Trofa, em concordância com os critérios definidos, os alunos são avaliados em duas grandes áreas: Área Altitudinal e Área Processual.

Na Área Processual, com a cotação de 50%, agrupam-se todas as modalidades abordadas no decorrer do período, como por exemplo: Basquetebol, Ginástica de Solo, Atletismo e Andebol (1º Período). Assim, e dada a especificidade de cada uma das práticas, as classificações finais de cada período, relativamente a esta área, são a média aritmética dos níveis atribuídos a cada uma das modalidades.

Na Área Altitudinal, com a cotação de 50%, são avaliados os parâmetros do empenho do aluno, a sua assiduidade e pontualidade.

Os instrumentos de avaliação utilizados são os testes práticos e o registo de observação da aula (Área Processual e Área Altitudinal). No entanto, existe a exceção dos alunos com atestado médico. Estes são avaliados através de um trabalho relativo à modalidade, que se encontram impossibilitados de participar. Caso os alunos estejam com um atestado geral, que englobe qualquer tipo de atividade física, é-lhes proposto um trabalho mais específico, como por exemplo, a percepção das alterações cardíacas com a prática da atividade física (Trabalho realizado por dois alunos na minha turma de 6º ano).

No que diz respeito às avaliações das UD, utilizei dois tipos de avaliações: a avaliação diagnóstica (AD) e a avaliação sumativa (AS).

O processo de avaliação inicia-se, desde logo, com a AD, através da qual é possível “identificar as competências dos alunos no início de uma fase de trabalho e colocar o aluno num grupo ou nível de aprendizagem ajustado às suas capacidades.” (Gonçalves, Albuquerque, & Aranha, 2010). Deste modo, grande parte das modalidades eram iniciadas com uma aula de AD, que desempenhava um papel fundamental na planificação e abordagem as aulas. A partir daqui era possível obter uma prévia noção do nível da turma e dos alunos e, consequentemente, elaborar de estratégias em prol do enriquecimento individual e coletivo, percebendo assim qual o ponto de partida de cada turma.

Relativamente à avaliação sumativa, os alunos são avaliados nas modalidades coletivas, em contexto de jogo, ajustado ao nível da turma. Por exemplo, a turma do secundário foi avaliada em 5x5 no Basquetebol. Em contrapartida, a turma de 6º ano foi avaliada em jogo 3x3 em Basquetebol, ajustando as avaliações às realidades dos alunos. Todas as modalidades coletivas eram avaliadas em situação de jogo; existindo, naturalmente, diferenças nas modalidades individuais. No caso do Badminton, a avaliação também decorreu em situação de jogo; na Ginástica de solo, acrobática e de aparelhos, a avaliação aconteceu através da execução dos movimentos em sequências; já no Atletismo, foram realizadas competições, promovendo, assim, situações aproximadas das reais, vividas pelos atletas.

Segundo Gonçalves, Albuquerque e Aranha (2010), “não existe um conceito de avaliação sumativa (final) que seja universalmente aceite pelos autores do campo educativo. Com efeito, este conceito tem sofrido algumas alterações ao longo dos tempos”. Neste contexto, o Colégio da Trofa opta maioritariamente por avaliações qualitativas, ou seja, o aluno faz ou não faz, o que facilita a avaliação, uma vez que apenas temos de ter a perceção se o aluno realiza ou não o conteúdo. A avaliação é feita de forma quantitativa, apenas nas modalidades individuais, existindo cinco níveis de realização.

Numa fase mais avançada deste processo, foi preciso classificar os alunos, demonstrando-lhes a responsabilidade e seriedade que esse processo acarreta. De facto, a EF tem um peso forte nesta instituição, na qual se pretende providenciar diversas experiências desportivas, permitindo o contacto com inúmeras modalidades, premiando os alunos que se empenham e demonstrem interesse na disciplina. Além do peso natural de cada modalidade, é necessário unificar as diferentes notas de cada uma das modalidades, além da área altitudinal de cada aluno numa só nota. Isto pode resultar em algo injusto quando se comparam turmas.

Numa perspetiva mais crítica, as avaliações sumativas deveriam ser repensadas e provavelmente reformuladas. Como mencionado, o Colégio da Trofa opta maioritariamente por

avaliações qualitativas, ou seja, o aluno faz ou não faz. No meu entender, esta opção é injusta para os alunos que realizam corretamente um certo conteúdo, pois estes terão um “faz” na grelha de avaliação, tal e qual os colegas que o realizam o mesmo conteúdo, mas de forma incorreta. Apesar de existir em todas as componentes um conteúdo de nível mais difícil para diferenciar os alunos, considero que as avaliações deveriam ser quantitativas, diferenciando os alunos por níveis, tal como é realizado nas modalidades individuais. Isso permitiria uma maior diferenciação entre os alunos e uma avaliação mais concreta, que premiasse quem realmente sabe realizar os diferentes conteúdos (tabela 1 e tabela 2).

Tabela 1 - Sistema de Avaliação Utilizado

Organização Ofensiva						Organização Defensiva						Relação com bola						NOTA FINAL
Enquadramento	Ocupação racional do Espaço	Desmarcação	Transição ofensiva	Criação de linhas de passe	NOTA	Enquadramento	Marcação	Defesa à zona	Transição defensiva	Desarma	NOTA	Passe	Drible em progressão	Recepção	Remate em apoio	Remate em suspensão	NOTA	
✓	✓	✓	✓	✓	5,00	✓	✓	✓	✓	✓	5,00	✓		✓	✓	✓	✓	5,00
✓	✓	✓	✓		5,00	✓	✓	✓	✓	✓	5,00	✓	✓	✓	✓	✓	✓	5,00
✓	✓	✓	✓	✓	5,00	✓	✓	✓	✓	✓	5,00	✓	✓	✓	✓	✓	✓	5,00
✓	✓	✓	✓		5,00	✓	✓		✓		4,00	✓		✓	✓	✓	✓	5,00
																		4,67

Tabela 2 - Sistema de Avaliação Proposto

Organização Ofensiva						Organização Defensiva						Relação com bola						NOTA FINAL
Enquadramento	Ocupação racional do Espaço	Desmarcação	Transição ofensiva	Criação de linhas de passe	NOTA	Enquadramento	Marcação	Defesa à zona	Transição defensiva	Desarma	NOTA	Passe	Drible em progressão	Recepção	Remate em apoio	Remate em suspensão	NOTA	
3	3	4	3	5	3,60	3	3	3	3	4	3,20	4	2	3	4	3	3,20	3,33
4	5	3	3	2	3,40	4	5	3	3	4	3,80	3	3	5	4	3	3,60	3,60
4	5	5	4	5	4,60	5	4	5	5	5	4,80	5	4	5	5	4	4,60	4,67
4	3	3	3	2	3,00	3	4	2	4	2	3,00	3	2	3	3	3	2,80	2,93

5. Participação na escola e Relação com a comunidade

5.1. Atividades realizadas

O Colégio da Trofa confere muita importância à relação com os encarregados de educação, existindo, por isso, inúmeras atividades, nas quais a participação do NE foi requerida e apreciada.

No que diz respeito às atividades realizadas pelo Colégio da Trofa, o NE foi presença assídua tanto no planeamento, como na preparação, organização e participação. Desta forma, pude ter a perceção do que é ser professor como um todo.

Pude participar em atividades bastante distintas, desde o Dia Mundial da Alimentação, Feira da Saúde e Bem-Estar, *Halloween*, torneios de final de período, Festa de Natal, Festa de Final do ano, visitas de estudo e até mesmo em atividades, no intervalo dos almoços dos alunos e dinamização de férias desportivas.

Referindo-me apenas ao Dia Mundial da Alimentação, organizei um jogo alusivo à data em questão, uma vez que a base da pirâmide da alimentação é a atividade física. Além do jogo, ainda produzimos um panfleto que foi entregue aos alunos do 2º e 3º ciclo. A possibilidade de poder idealizar um jogo foi uma experiência especial, pois acabei por sentir que os alunos conseguiram perceber que a EF não é só correr e saltar. Através da EF podem aumentar outras formas de conhecimento; pelo tanto, foi gratificante ser o principal responsável por essa tomada de consciência. Num contexto mais geral, foi uma atividade que promoveu a alimentação saudável e a atividade física, razão pela qual se havia solicitado ao NE um panfleto que transmitisse essa informação aos alunos e aos próprios pais.

Além dos famosos torneios desportivos, a atividade que mais aproximou os alunos do desporto e da atividade física, entre outras vertentes, foi a Feira da Saúde e Bem-Estar. Esta iniciativa contou com inúmeros *workshops*, que remetiam para as grandes áreas da saúde, como o suporte básico de vida, nutrição, higiene do sono, viagem ao mundo das drogas, contando também com a participação de profissionais e ex-profissionais de Futebol, Futsal e Ciclismo, entre outras modalidades. Esta atividade foi praticamente toda dinamizada por ex-alunos do Colégio, permitindo que estes servissem de exemplo para os alunos atuais.

Nesta atividade, o NE ficou responsável pela apresentação de modalidades adaptadas, nomeadamente o *Goalball*, a modalidade trabalhada nos anos anteriores no ISMAI. O que facilitou a nossa transmissão e ensino aos alunos. Foi uma atividade que os alunos adoraram

vivenciar, até por ser uma novidade, já que não tinham conhecimento da mesma. No entanto, ficaram rendidos.

A atividade que proporcionou uma experiência muito distinta do esperado, foi claramente o *Halloween*. O Colégio estava todo com decoração alusiva à data. Cada disciplina era responsável por uma sala, tendo como resultado final a escola como um “Hotel Assombrado”. Os Professores de EF estavam responsáveis pela sala que seria a arrecadação do “hotel”. Assim sendo, pude participar na decoração da sala, idealizá-la previamente e proporcionar aos alunos uma experiência diferente, uma vez que os professores eram parte integrante do cenário construído.

Pude vivenciar ainda a experiência da planificação e organização de um torneio desportivo, nomeadamente de Basquetebol, uma vez ter sido a modalidade em foco no 1º período. A participação no mesmo foi constante, todos os papéis com responsabilidade no dia da competição foram ocupados pelos professores de EF. Previamente ao dia da competição, foi necessário a elaboração de mapa de jogos, confirmação e acreditação das equipas por faixas etárias, e todo o trabalho requerido para não existirem lacunas no dia da competição. A participação nesta atividade deu-me um especial prazer, tendo em conta que foi a primeira atividade organizada e planeada pelo NE, e ser toda ela direcionada para o desporto e atividade física.

Nos restantes períodos, realizarem-se novos torneios, onde os procedimentos foram os mesmos, sendo que no segundo período o torneio foi de Voleibol e, no último período, de Futsal.

Relativamente à Festa de Natal, é algo que detém uma grande importância para a direção do Colégio, sendo igualmente muito esperada e apreciada pelos encarregados de educação. Desta forma, é algo que é levado com stress e preocupação pelos professores. Uma vez que estive envolvido em toda a preparação da festa, não fugi ao sentimento de responsabilidade e disponibilizei-me para ajudar em tudo o que fosse necessário. A escola estava dividida por atividades relacionadas com as diferentes disciplinas.

Devido à importância da atividade física, existia um espaço reservado para esse efeito. Dentro do pavilhão decorriam diversas atividades desportivas, muitas delas idealizadas e elaboradas pelos EE, implicando muitas horas de trabalho e bastante preocupação, nomeadamente em relação às questões de segurança, credibilidade e fiabilidade das atividades. Ainda que muito trabalhosa, resultou num forte sentimento de gratificação. No dia da Festa de Natal, foi recompensador receber os sorrisos dos alunos e dos encarregados de educação, que puderam participar e vivenciar muitas atividades distintas do normal e do esperado. Uma das maiores

alegrias manifestamente visível por parte dos pais e crianças, foi a possibilidade de interação entre eles durante as atividades propostas.

Neste mesmo enquadramento, existe a Festa de Final de Ano do Colégio, que este ano tem como tema o Circo. Por conseguinte, tive de me envolver neste cenário circense e até aprender a fazer malabarismo, algo que me desafiou bastante. Além da participação no dia da festa, ajudei na preparação de tudo, na construção de cenários, na elaboração e ensaio de coreografias para a participação dos alunos.

Fora da minha função de professor estagiário dentro do Colégio, tive a possibilidade de acompanhar os alunos a uma visita de estudo a Guimarães e Vila Real. No caso do *NaturWaterPark*, na viagem de finalistas do 6º ano, foi uma visita de estudo que empolgou desde logo os alunos e está inteiramente relacionada com a EF, uma vez que as atividades realizadas são todas elas práticas. Os alunos vivenciaram experiências de arvorismo, que podem ser encaixadas nas modalidades de desportos da natureza, fazendo parte também do programa nacional de EF.

Na visita a Guimarães, pude relembrar e enriquecer conhecimentos antigos e ainda adquirir novos. Tive o privilégio de realizar um *pedipaper*; mais uma atividade que remete para a relação do aluno com a natureza, que me permitiu, a mim também, conhecer melhor a cidade e a história do nosso país. Os alunos do 5º ano, que participaram nesta atividade, também visitaram antigas muralhas e caminhos que os enriqueceram culturalmente.

Também tive a possibilidade de visualizar diversas peças de teatro, nomeadamente “O Auto da Barca do Inferno” de Gil Vicente com os alunos do 9ºano. O acompanhamento nas diferentes peças permitiu-me renovar o meu nível de conhecimento litúrgico, uma vez que recordava as peças dos tempos em que as estudei, sendo sempre benéfico lembrá-las.

No que às atividades do campo desportivo concerne, era necessário na hora de almoço a supervisão e dinamização do campo por parte de um professor. Foram várias as vezes que esse papel foi desenvolvido por mim. Uma vez que o número de alunos era sempre razoável, e as faixas etárias muito distintas, tentava sempre criar uma forma de uniformizar as atividades. Como a maior parte queria jogar Futebol, dava o privilégio aos mais novos de escolherem primeiro as suas equipas, e depois realizava um pequeno torneio dentro do tempo que os alunos tinham disponível. Além destes torneios de Futebol, existiram torneios de matraquilhos e Ténis de Mesa, quando o clima não estava propício à prática desportiva no exterior.

O Colégio da Trofa disponibiliza aos alunos do 1º e 2º ciclo diversas atividades durante as interrupções letivas, tanto de Natal como da Páscoa. Entre essas atividades predominam as

desportivas, às quais os alunos aderem em massa. Estas atividades passam mais por jogos pré-desportivos, algo que propicia a aprendizagem de mais e melhores conhecimentos sobre essa extensão da EF.

Apesar das diferenças notórias em todas estas atividades, no cômputo geral, proporcionaram uma enorme competência e uma maior seriedade no trabalho como professor. Estas vivências possibilitaram-me desenvolver diferentes particularidades, enquanto professor, que só são possíveis de potencializar com estas práticas.

Referindo-me agora à atividade mais centrada no NE, o seminário “Skills4Genius”, projeto pelo qual sempre tive muito apreço, tem como objetivo desenvolver a capacidade da resolução de problemas nas crianças, através da criatividade desenvolvida na EF. Este projeto tem como base o “Creativity Developmental Framework”, que orienta as diretrizes pedagógicas desta academia (Santos, Memmert, Sampaio, & Leite, 2016).

Com esta proposta, tínhamos como principal objetivo perceber a relação entre a criatividade e a capacidade de decisão em situação de jogo. No entanto, com o avançar do tempo, foi necessário realizar algumas alterações e tentámos perceber qual o nível de criatividade dos alunos e o seu desempenho a nível físico, realizando essa avaliação aos alunos do 6º ano de escolaridade. O primeiro teste realizado foi um breve questionário, destinado a reunir informações detalhadas sobre o seu envolvimento em atividades estruturadas (contexto específico desportivo) e não estruturadas (atividades de lazer) (adaptado de Güllich & Emrich, 2014; Memmert, Baker & Bertsch, 2010), contemplando também o comportamento sedentário (tempo de ecrã). A criatividade foi avaliada através do “Torrance Teste of Creative Thinking – Figural Version” (TTCT) (Kim, 2006). Os estudantes também realizaram testes físicos, para avaliar as suas aptidões, tais como a força explosiva de membros inferiores, avaliando-se a impulsão vertical dos participantes através do protocolo *countermovement jump – free arms*, utilizando o sistema *optjump* (Microgate SARL, Italy). Para monitorizar a agilidade, foi realizado o teste-T, devidamente adaptado às faixas etárias em estudo. Por fim, foi avaliada a velocidade máxima dos alunos, através de uma corrida de 15 metros em linha reta, utilizando-se as células fotoelétricas (Microgate, Bolzano, Italy) para contabilizar a velocidade de aceleração (4m) e final.

A decisão por este projeto, foi fundamentalmente a pensar nos jovens, uma vez que é preponderante que as crianças adquiram habilidades básicas de movimento, antes de aprender as habilidades específicas relacionadas com o jogo (Gallahue, Ozmun, & Goodway, 2011). Deste modo, promove-se o desenvolvimento das habilidades motoras nas crianças, de forma a que estas se sintam mais capazes em situação de jogo e, consequentemente, a ganharem gosto

pela prática desportiva. A oportunidade de os alunos trabalharem com material inovador e de elevado cariz tecnológico, provocou neles uma enorme satisfação e motivação. Na realização deste projeto, concluímos que o tempo de ecrã (tempo sedentário) nos participantes masculinos é muito elevado (gráfico 1). Alertámos os pais no nosso seminário para estes dados, promovendo um momento de reflexão conjunta para combater esta tendência. Também percebemos que estes alunos têm uma boa capacidade física, principalmente na impulsão vertical (gráfico 2).

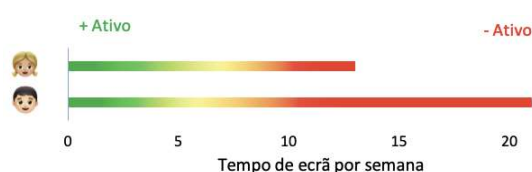


Gráfico 2 - Número de horas semanais de tempo de ecrã



Gráfico 1 - Resultados obtidos no teste de impulsão vertical

Esta intervenção teve o seu término no seminário, que foi realizado para toda a comunidade educativa, ou seja, contámos com a presença de encarregados de educação, pais, professores, alunos, direção do Colégio e até mesmo com auxiliares de ensino, além dos representantes do ISMAI, como o nosso SV e a professora responsável do projeto, a Doutora Sara Santos. Apresentámos a todos os participantes o projeto e os resultados obtidos com o mesmo, expondo um *layout* com todos os resultados obtidos e as suas interpretações.

Para terminar este ponto do relatório, é importante referir a experiência vivida ao longo de várias semanas, tendo a oportunidade de trabalhar com um aluno com Necessidades Educativas Especiais (NEE). Este miúdo tem diversas anomalias motoras, que dificultam o seu dia a dia, mas a sua vontade e paixão pela vida levam-no à superação. Poder trabalhar com ele enriqueceu-me bastante e permitiu-me um maior conhecimento. Foi bastante desafiante poder partilhar momentos com este aluno, e a gratidão que ele tinha no final, apenas pelo tempo disponibilizado para ele, era emocionante. Esta experiência com um aluno com NEE, tornou-me certamente um professor mais completo e uma pessoa mais grata.

5.2. Fazer aprender para lá da sala de aula: impactos da minha experiência e atuação

“Pretende-se que um professor seja inovador, dinâmico, comunicativo, crítico e “eficaz” (Monteiro, Albuquerque, & Resende, 2014) (Albuquerque, Pinheiro, & Resende, 2014)

Partindo deste pressuposto, e oferecendo diversos exercícios novos e muito apreciados pelos alunos, consegui despertar neles uma perspectiva diferente da EF, proporcionando vontade de ter aula até nos alunos menos predispostos para a atividade física. Prova deste acontecimento, foi mesmo uma aluna do 6º ano, que não praticava nenhum desporto e, posteriormente, ao segundo período (no qual foi lecionado Voleibol), se inscreveu no Voleibol do Leixões SC, começando a andar sempre com uma bola de Voleibol pela escola.

Em conformidade com o Programa de EF, um dos principais objetivos da aula de EF é promover o gosto pela prática de atividade física regular, tendo este ponto do programa como um dos mais importantes. É muito gratificante para mim, no meu primeiro contacto com alunos, conseguir promover esse desejo pelo desporto, e foi bastante recompensador sentir-me uma influência para os meus alunos.

Com a Ginástica acrobática também foi possível promover a EF para lá da aula, uma vez que os alunos tinham de realizar uma pequena coreografia de sete figuras gímnicas, para posterior avaliação. Estas podiam e deviam ser trabalhadas além da aula, e os grupos que o fizeram conseguiram claramente melhores resultados, existindo até um grupo que no dia da apresentação da coreografia trouxe roupas iguais, o que demonstrou compromisso e muito trabalho fora do horário da aula.

5.3. A Componente ético-profissional

O envolvimento do professor de EF vai muito para além da aula de EF, e a sua postura e presença deve de ser notada e respeitada nos restantes contextos. “Os professores devem aproximar-se, cada vez mais, do conceito de desenvolvimento, integrando os aspetos técnicos da profissão aos das dimensões pessoal e cultural” (Silva, Albuquerque, Freitas, & Costa, 2014).

Procurando uma postura diária que estimule, nos alunos, valores sociais e educacionais fomentando o seu amadurecimento, viabilizando-o fora do contexto de aula, o profissional da educação deve ter uma conduta que promova o respeito, o cumprimento das regras do Colégio e ser um exemplo para o meio educativo. Dentro da aula, procurei sempre que o respeito estivesse presente, para manter a aula sem grandes perturbações. É o primeiro passo para o bom clima e um excelente desenrolar da aula. Também privilegiei a confiança, sendo um fator imprescindível entre o professor de EF e os seus alunos, uma vez que esta disciplina implica muito contacto físico. A confiança é essencial para esse contacto sem nenhum revés.

Posteriormente a esta primeira abordagem, afirmando o papel de professor, possibilitei aos alunos uma maior à vontade nas aulas, mas sempre com o limite do exagero bem estipulado.

Assim sendo, ao longo deste percurso, procurei dignificar o papel do professor e promover a atividade física mantendo um papel de educador e amante do desporto.

5.4. Profissional e institucional

No que diz respeito à socialização profissional e institucional, foi numa fase inicial um verdadeiro desafio, pois o meio educativo é muito vasto. Ser professor não é apenas dar aulas, conhecer e ensinar os alunos, existem muitos outros intervenientes, como os outros professores, auxiliares de educação, os funcionários do bar do Colégio, as funcionárias da cantina, além dos pais e encarregados de educação. “É neste contacto que o estudante estagiário conhece os contornos da profissão, tornando-se, pouco a pouco, um membro dessa comunidade educativa” (Mesquita & Bento, 2014).

Apesar deste impacto inicial, os professores do Colégio, e a respetiva direção, rapidamente me aceitaram no grupo, valorizando o facto de estar numa situação de aprendizagem, promovendo sempre situações onde me pudesse sentir confortável, mas que ao mesmo tempo me desafiassem.

Desta forma, as propostas dos EE foram sempre ouvidas e levadas em consideração, desde que pudessem vir a ser implementadas no meio educativo. Acreditaram inúmeras vezes que uma perspetiva contemporânea e com ideias mais atuais eram importantes para o evoluir do Colégio e do seu projeto. Este facto é algo que vou ter sempre em consideração e estou grato por essa confiança.

Naturalmente que a proximidade foi maior com os professores de EF. No entanto, desde os colegas de departamento, aos professores de outros departamentos e até mesmo com os auxiliares do Colégio, foi possível desde cedo estabelecer uma ligação profissional.

Já existia uma excelente relação entre os professores de EF, antes do início das aulas, pois estes disponibilizaram-se para nos ajudar, integrando-nos da melhor forma, transmitindo algumas das suas experiências profissionais. Além deste normal procedimento, a cooperação é constante e a disponibilidade surpreendente.

Na relação com os outros docentes, existe um maior entendimento com os professores de Biologia e Geologia, uma vez que realizámos atividades em conjunto e existiu um trabalho colaborativo. Além disso, houve dois alunos que, impossibilitados de realizar atividade física, idealizaram uma proposta de trabalho para apresentar, englobando as duas disciplinas. Apesar dessa maior proximidade, a relação com os restantes professores também é existente, pois a

realização de atividades como o *Halloween*, Festa de Natal e Festa de Final de ano aproximam toda a comunidade escolar.

A Festa de Natal do Colégio foi um dos momentos onde existiu maior socialização com o meio escolar. Foi pedido a todos alunos que trouxessem uma peça para um presépio, construindo assim um dos maiores presépios a nível escolar. À medida que os alunos traziam as peças, os professores iam construindo o presépio. Desta forma, desenvolveu-se uma grande proximidade entre todo o corpo docente e não docente da instituição. Neste presépio e na árvore de Natal, também pelos professores construída, existiu uma grande contribuição dos professores estagiários, onde a nossa opinião foi sempre levada em consideração e muitas vezes aceite por todos os que se encontravam a trabalhar para a festa de Natal.

As obrigações profissionais promovem a relação social com todas as partes envolvidas da escola, como no caso da participação em reuniões intercalares, de pais e de departamento. Neste enquadramento, a proximidade aos encarregados de educação foi aumentando ao longo do ano letivo. Com as reuniões individuais de pais que foram surgindo no término de todos os períodos, essa ligação foi crescendo, sendo satisfatório perceber o aumento de credibilidade para com os encarregados de educação ao longo deste percurso.

6. Desenvolvimento profissional

6.1. Dificuldades e necessidade de formação contínua: um imperativo da profissão

O profissional da educação carece de constante formação. Não apenas na sua área de intervenção, mas também uma formação que conceda a renovação a nível do contexto social e escolar, de forma a conseguir manter uma boa relação institucional. É fulcral que “... a formação dos futuros professores de Educação Física incorpore a dimensão institucional de uma forma mais global, pois a profissão e a sociedade exigem o desempenho de outras funções” (Mesquita & Bento, 2014).

Com o estágio curricular foi possível perceber a importância de toda a comunidade educativa para o desenvolvimento das crianças. A possibilidade de interação com o meio educativo como um todo, requer alguma necessidade de formação constante, dado que os alunos estão em permanente mudança e a educação em casa cada vez é mais liberal, deixando a real educação para a escola e para os professores.

A Educação Física e o desporto encontram-se em constante desenvolvimento, e as novas e diferentes modalidades são bastante aceites e motivadoras para os alunos e, apesar de existir um programa para ser seguido, parece-me que uma aula por período, onde os alunos possam vivenciar novas experiências, pode contribuir para aumentar a predisposição para atividade física. Partindo deste ponto de vista, sinto que a procura e pesquisa pelo novo é essencial para o meu desenvolvimento como professor. Desse modo, estarei apto a promover experiências únicas aos alunos, impulsionando a EF e a prática desportiva.

Recuando uns anos, podíamos ver as aulas de EF com o professor a ensinar e os alunos a aprenderem. Nos dias atuais, existe uma procura pela autonomia do aluno, a possibilidade de terem diferentes papéis, como no caso do MED, que permite desenvolver diferentes momentos de aprendizagem aos alunos, contribuindo para um maior conhecimento das modalidades e estimulando o gosto pelas mesmas. Promover e atualizar-me sobre novos métodos de ensino, que motivem os alunos de forma mais convincente para a prática de atividade física, é essencial para me tornar um bom professor de EF.

Neste ano de estágio, tive ainda a possibilidade de participar no *Mass Training* organizado pelo INEM, que promoveu o suporte básico de vida aos alunos do 10º ano de escolaridade. Pude relembrar algumas noções que tinham sido ensinadas no decorrer da minha formação no ISMAI.

A participação no seminário permitiu-me um aumento de competências, a possibilidade de trabalhar com material de cariz tecnológico de ponta, trabalhei com células fotoelétricas e o sistema *optjump*. Realizei os testes aos alunos de forma autónoma, obrigando-me a conhecer melhor o material em questão. Esta experiência elucidou-me para a necessidade de desenvolver a minha apetência para a investigação científica, tendo neste projeto essa iniciação.

7. Reflexões finais

Finalizado todo o percurso no Mestrado de Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário, posso afirmar que são muitas as coisas que transporto na “bagagem”. O caminho percorrido exigiu sempre muito trabalho e foram sempre colocados desafios para desenvolver mais e melhor as minhas competências, tais como a lecionação a um aluno com NEE e o acompanhamento de uma direção de turma. Com tudo isto concretizado, resta-me refletir e saber o que custou alcançar e que me trouxe imensas vantagens. Só assim é que me posso aproximar da perfeição enquanto profissional da educação. Todas as unidades curriculares da licenciatura e, principalmente, do mestrado contribuíram, de alguma forma, para a minha formação. Porém, o trabalho realizado no estágio, refletido neste relatório final, é o que mais se destaca na construção do meu perfil enquanto professor, pois na PES tive a possibilidade de vivenciar o contexto de aula, relacionando-me com os alunos e todo o meio educativo.

Foi primordial desenvolver, em contexto real, ações no âmbito da EF, nomeadamente a lecionação das diferentes modalidades, promovendo a prática da atividade desportiva e o gosto pela mesma, de tal forma que uma aluna começou a praticar desporto federado. Além do contexto de sala de aula, todo o trabalho realizado como professor foi bastante impulsionador para a construção do meu perfil profissional. A possibilidade de socialização e de ser exemplo para os jovens estudantes, trouxe-me um maior sentimento de responsabilidade, confirmando o meu gosto pelo ensino. Em contexto de aula tive a oportunidade de possibilitar variadas experiências e diferentes noções de ensino aos alunos, como por exemplo a competição em aula, com base no MED, e a utilização de material tecnológico avançado com o projeto Skill4genius, percebendo a influência positiva que esta renovação tem nos alunos.

Este relatório também se apresenta como um elemento de reflexão para o meu futuro, sendo que o contributo da PES para a perceção da minha vocação enquanto Professor de Educação Física e a forma apaixonada como abracei e ensinei os meus alunos, me permitem afirmar que no final deste percurso, Licenciatura em Educação Física e Desporto e Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básicos e Secundários, me sinto capaz de ser professor, como sempre almejei e trabalhei em prol desse meu sonho de criança.

8. Referências Bibliográficas

- Albuquerque, A., Graça, A., & Januário, C. (2005). *A supervisão pedagógica em educação física. A perspetiva do orientador de estágio*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Albuquerque, A., Pinheiro, C., & Resende, R. (2014). *A formação de formadores em educação física e desporto. Perspetivas internacionais. Tendências atuais*. Maia: Edições ISMAI.
- Bento, J. (2003). *Planeamento e Avaliação em Educação Física*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Cunha, M., Batista, P., MacPhail, A., & Graça, A. (2018). Reconstructing a supervisory identity: The case of an experienced physical education cooperating teacher. *European Physical Education Review*, 250-254.
- Güllich, A., & Emrich, E. (2014). Considering long-term sustainability in the development of world class success. *European Journal of Sport Science*, pp. 383-397.
- Gallahue, D. L., Ozmun, J. C., & Goodway, J. (2011). *Understanding Motor Development: Infants, children, adolescents, adults*. New York: McGraw-Hill.
- Gonçalves, F., Albuquerque, A., & Aranha, A. (2010). *Avaliação: um caminho para o sucesso no processo de ensino e aprendizagem*. Maia: Edições ISMAI.
- Kim, K. (2006). Can we trust creativity test? A review of the torrance test of creative thinking (TTCT). *Creativity Research Journal*.
- Memmert, D., Baker, J., & Bertsch, C. (2010). Play and practice in the development of sport-specific creativity in team ball sports. *High Ability Studies*, pp. 3-18.
- Mesquita, I., & Bento, J. (2014). *Professor de educação física: Fundar e dignificar a profissão*. Porto: Editora FADEUP.
- Monteiro, P., Albuquerque, A., & Resende, R. (2014). Perspectiva do professor na deteção, seleção e promoção de talentos desportivos na lecionação da disciplina de educação física. Em A. Albuquerque, C. Pinheiro, & R. Resende, *A formação de formadores em educação física e desporto. Perspetivas Internacionais. Tendências atuais* (pp. 174-175). Maia: Edições ISMAI.
- Resende, R., Albuquerque, A., & Gomes, R. (2015). *Formação e saberes em desporto, educação física e lazer*. Lisboa: Visão e Contextos.
- Resende, R., Póvoas, S., Moreira, J., & Albuquerque, A. (2014). Representação dos alunos sobre o que pensam ser um bom professor de educação física. Em A. Albuquerque, C.

Pinheiro, & R. Resende, *A formação de formadores em educação física e desporto. Perspetivas internacionais. Tendências atuais.* (p. 183). Maia: Edições ISMAI.

Rosado, A., & Mesquita, I. (2011). *Pedagogia do desporto*. Lisboa: Edições Faculdade Motricidade Humana.

Santos, S., Memmert, D., Sampaio, J., & Leite, N. (2016). The spawns of creative behavior in team sports: A creativity developmental framework. *Frontiers in Psychology*.

Siedentop, D. (1994). *Sport education: quality PE through positive sport experiences*. Champaign: Human Kinetics.

Siedentop, D., Hastie, P., & Van der Mars, H. (2011). *Complete guide to sport education* (Vol. 2 ed.). Champaign: Human Kinetics.

Silva, E., Albuquerque, A., Freitas, I., & Costa, M. (2014). O valor formativo da prática de ensino supervisionada. Em A. Albuquerque, C. Pinheiro, & R. Resende, *A formação de formadores em educação física e desporto. Perspetivas internacionais. Tendências atuais*. Maia: Edições ISMAI.

Vickers, J. (1990). *Instructional design for teaching physical activities. A knowledge structures approach*. Champaign, Illinois: Human Kinetics.